

## Manhente

MANHENTE foi, depois da extinção do seu mosteiro, uma abadia da apresentação do arcebispo de Braga, passando, depois da união a Vilar de Frades, a ser uma vigararia da apresentação deste convento até 1834.

Diz o P.<sup>e</sup> António Gomes Pereira que *Manhente* vem do genitivo *manienti*, do nome latino *manientus*, o homem que sofre de loucura ou *mania*.

Manhente foi primitivamente mosteiro beneditino da fundação de São Martinho, bispo de Dume.

Depois da conquista árabe e restauração visigótica, foi este mosteiro reedificado por D. Pedro Afonso Durães, casado com D. Godinha, neta de D. Soeiro Guedes da Várzea, fidalgo principal do seu tempo, filho de D. Guido Arnaldes e neto de D. Arnaldo de Bayão.

Pelos anos de 1403 o mosteiro de Manhente reduziu-se a abadia secular, e quarenta e cinco anos depois, a instâncias da rainha D. Isabel, o Papa Nicolau V permitiu que a abadia de Manhente se unisse, por morte do seu abade, ao convento de São João Evangelista de Vilar de Frades, que lhe ficava ao sul e apenas separado pelo rio Cávado.

Como aquele abade morresse na ocasião em que andava acesa a luta entre o convento de Vilar de Frades e o arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, este não

respeitou a ordem do pontífice, provendo na abadia de Manhente Diogo Afonso, criado da sua casa, prevalecendo assim, como sucede muitas vezes, a violência contra a justiça e a força contra a razão, como diz o P.<sup>e</sup> Francisco de Santa Maria na sua «História das Sagradas Congregações» (Ceo Aberto na Terra), a págs. 400.

Por morte do dito Diogo Afonso, o arcebispo D. Luís Pires houve por boa a bula do papa e uniu a Igreja de Manhente ao convento de Vilar de Frades, da qual tomou posse em 1480, tomando também posse na mesma ocasião de São Vicente de Areias, como anexa que era daquela.

Manhente, como mosteiro beneditino, tinha um couto.

D. Afonso Henriques, sendo ainda Infante e estando no Castelo de Faria, por carta de 6 de Junho de 1126, na presença de sua mãe D. Tareja, que a confirmou, fez couto ao mosteiro de Manhente, divisando por marcos e balisas as terras que lhe coutava.

Os limites deste couto eram os seguintes: ... «e o dicto tem jacencia abaixo do Monte aliaria pelo rio Cavado, que corre ao pé dele, termo de Braga, comessa primeiramente o dito couto no lugar aonde o dito Rio se chama Rio Negro da hi pela aria do monte de Boi até ao Moinho do Frade assim como vai por aquella boza que parte o Villarinho de Real, e da hi pelo vale que se chama de talhos até ao escallario assim como vai por Penellas e da hi aquella mamazinha que parte as vilas d'Oneca do dito Mosteiro, assim como a villa de São Veríssimo parte com a villa d'Oneca até ao ribeiro de Ponteio assim como entra em o Cavado, como vay pello veio do mesmo Rio Cavado até ao lugar onde primeiro começou».

Por força da antiga posse e confirmações do rei D. Afonso IV e de alguns reis seus sucessores, o reitor

do convento de Vilar de Frades era capitão-mor, senhor, Coudel-mor e alcaide-mor deste couto, para o qual nomeava Juizes no cível e órfãos a que assistia um escrivão da vila de Prado, onde ia o crime.

Este couto compreendia esta freguesia de Manhente e parte das de São Veríssimo do Tamel, Santa Maria de Galegos e São Vicente de Areias.

Nas Inquirições de D. Afonso ,11 de 1220 vem=«De Sancto Martino de Manenti de Monasterio», de Terra de Prado.

Nelas se diz: quod Rex nullum habet ibi Regalengum; quod dant de ista collatione de fossadeira 16 denarios. Et de Monasterio dant quartam de collecta; quod Rex non est patronus et quod iste Monasterius habet bonas senarias et 27 casalia.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258, 1.<sup>a</sup> Alçada, diz-se: *In Judicato de Prado — in Couto Sancti Martini de Magnente*=que do Moesteiro de Magnente dam ai Rey quarto de collecta et sunt 20 maravidiz.

A freguesia de Manhente foi incorporada no concelho de Barcelos pelas reformas administrativas do liberalismo.

A *Igreja Paroquial* desta freguesia fica em sítio desafogado, no centro de um adro fechado por parede com uma entrada e respectivo fojo.

Ao lado direito do templo,, separada deste pelo adro, levanta-se a velha torre fortaleza, ameada, de dois andares, vendo-se ainda interiormente as mísulas onde assentavam as traves dos pavimentos.

Tem esta torre cinco janelas e no ângulo junto à fachada do templo uma porta que parece que dava comunicação com este.

Exteriormente há naquela torre indícios de estar ligada com a igreja e vestígios de outras construções hoje desaparecidas.

O templo é um edifício baixo, pequeno, tendo sido a capela-mor acrescentada há poucos anos.

Este edifício conserva ainda exteriormente a feição românica primitiva, embora muito deturpada por obras subsequentes.

Na sua baixa fachada, terminada em ângulo e encimada por uma cruz floreada, abre-se uma janela rectangular a substituir a antiga rosácea, mantendo-se porém ainda intacto o seu pórtico românico em quatro arquivoltas de arco redondo, sucessivamente decrescentes, apoiadas as três interiores em três colunas de capiteis historiados.

Ao lado esquerdo, sobre a fachada, desfeiendo-a, ergue-se um pequeno torreão para dois sinos, e do lado direito do pórtico, à altura de um homem, vê-se em uma pedra, metida na parede, a seguinte inscrição: MAGISTER QVNDISALVVS FECIT IN ERA MC 25 V: XOS-LECTO. — 1125.

Do lado direito do templo vê-se cavado na parede lateral um arco tumular, sem sepultura. Informam-nos que o arcaz românico que está no Museu Arqueológico de Barcelos era o daqui.

Do lado esquerdo, por trás do torreão, ergue-se a sacristia. As antigas frestas foram substituídas por janelas rectangulares, vendo-se ainda os restos de uma no lado sul da capela-mor, e ao fundo da ábside, que é encimada por uma cruz de Cristo bem trabalhada, vê-se outra tapada a cal.

Nas proximidades desta igreja e até nas paredes que cercam o seu adro, há muitas pedras lavradas que serviram com certeza nas antigas construções demolidas.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque com ornatos em gesso e o pavimento é lajeado, tendo altar antigo com retábulo estilo renascença.

Entre a capela-mor e a igreja admira-se o belo arco cruzeiro românico em pedra bem trabalhada.

O corpo da igreja é forrado também a estuque com ornatos em gesso, tendo ao centro a imagem do padroeiro S. Martinho.

Tem dois altares laterais modernos em estilo simples e pobre, coro, púlpito e pia baptismal em granito, antiga.

Existem nesta freguesia as seguintes capelas:

*A Capela de Jesus, Maria José*, junto à casa dos Fogaças Ferrazes, é pequena, altar moderno, forrada a estuque com uma tela ao centro representando a Sagrada Família.

Esta capela, interiormente muito bem pintada e decorada, é um primor.

É particular e pertence ao Snr. Joaquim de Macedo Correia.

*A Capela do Senhor dos Passos*, a antiga, está em um largo fronteiro ao Cemitério.

É baixa, pequena, tendo na sua frente uma galilé ou alpendre, parapeiteado de pedra com três entradas e sustentado por duas colunas.

Dentro, o seu pequeno altar é em boa talha antiga e o seu tecto é forrado a madeira com pavimento lajeado.

*A Capela do Senhor dos Passos*, a moderna, ergue-se ao lado direito da estrada n.º 8 de 2.ª classe de Barcelos a Montalegre por Prado. É pequenina, tendo sido construída há uns quarenta anos.

Havia ainda a *Capela de Santo António*, pequenina, ao lado direito do portal ameado e brasonado dos Negrões, de altar antigo, mas hoje fora do culto. No pavimento<sup>s</sup> vê-se ainda uma sepultura de pedra com a seguinte inscrição: AQVI JAZ O P.<sup>e</sup> M.<sup>EL</sup> DE SOVSA INDIGNO SACERDOTE IVNHO 23 DE 1690. A casa e capela pertence ao Snr. João Barbosa Pereira.

Em uma bouça, perto dessa capela, ergue-se um velho Cruzeiro, conhecido por «Cruzeiro do Vau», de capitel jónico, tendo na base: ERA 1702.

Nesta freguesia há ainda o *Senhor dos Desamparados* ou *dos Aflitos*: uma cruz de pedra com a imagem de Cristo, coberta por um alpendre sustentado por quatro colunas e cercado de grades de ferro.

Este padrão está ao fundo de um amplo terreiro ou avenida, aberta direita à igreja matriz.

Perto da capela do Senhor dos Passos, a antiga, ao lado norte do largo, estão as *Alminhas de Manhente*, com um grande alpendre à frente sustentado por duas colunas de pedra.

Ao lado esquerdo do nicho existe uma pedra onde se lê a seguinte inscrição : = ESTA OBRA MANDOV FAZER POR SVA DEVOÇAM HV FRADE DE VILLAR POR NOME = e do outro lado em outra pedra continua: = MANOEL DA CONCEIÇÃO E PEDE AOS PASAGEYROS POR AMOR DE DEVS LHE REZE POR SVA ALMA.

Por baixo, na soleira do nicho, lê-se a data= 1757 e dentro, por baixo do painel gravado na pedra: — LEMBREM-SE DAS ALM.<sup>AS</sup> COM P. A.

No centro daquele largo ergue-se o *Cruzeiro Paroquial*, com base antiga, mas sem data nem inscrição.

Em frente a este, lado poente, foi construído o *Cemitério Paroquial*, que tem sobre o seu portão a data = 1880.

A *Residência Paroquial* ergue-se por trás da capela do Senhor dos Passos (a antiga) e é um edifício de regular aparência.

Esta freguesia, situada em planície, é fertilizada pelo ribeiro da Narcisa, de pequeno curso, que nasce na de São Martinho de Galegos e vai desaguar ao Cávado, e

é servida pela estrada n.º 8 de 2.ª classe de Barcelos a Montalegre, e por dois ramais que daquela estrada vêm até à igreja e à casa dos Fogaças Ferrazes.

Tem as seguintes fontes públicas: a de Cristoi, a do Souto, a da Igreja e a da Carregosa.

Confronta esta freguesia pelo norte com as de São Martinho de Galegos e a de Santa Maria de Galegos; pelo poente com a de São Veríssimo do Tamel; pelo sul com o rio Cávado e pelo nascente com a de São Vicente de Areias.

Informam-nos que Manhente não confronta pelo nascente com a freguesia de São Vicente de Areias, mas sim com a de São Martinho de Galegos por esta freguesia crescer em uma tira estreita de terreno entre esta e aquela, até ao rio Cávado.

Não tivemos, porém, tempo de nos certificarmos da veracidade desta informação.

A população desta freguesia no século XVI, diz o Censo da População de 1527- O couto de Manhente com Sam Vercysmo e Sam Martinho, freguesias 63; no século XVII a corografia do P.º Carvalho diz que o couto de Manhente, tinha 140 vizinhos; no século XVIII era de 240 fogos; no século XIX era de 465 habitantes e actualmente é de 543 habitantes, sendo 228 varões e 315 fêmeas, sabendo ler 96 homens e 35 mulheres, havendo 412 analfabetos.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Igreja, Assento, Monte, Gandra, Penedo, Souto, Barco, Gandarinha, Casas Novas, Telheira, Lagoa, Souto do Casal, Lage, Carregosa, Crestas, Longra, Mouta, Boco e Esprigo.

As suas casas mais importantes são: a do Melhorado, a dos Negrões (brasonada), a do Barco, a dos Fogaças Ferrazes, a da Bouça e a Quinta Nova.

A casa do Melhorado era o antigo « Quinto rio» de Vilar de Frades.

Tem 2 lojas de comércio, Caixa do Correio e Escola Oficial mista de 1º lugar, que funciona em edifício arrendado.

Há alguns fornos de coser telha e tem duas passagens de barco no rio: a de Vilar de Frades e a do Ourado.

Entesta na margem direita do rio Cávado o conhecido açude de Vilar, pertencente àquele convento.

Esta freguesia é iluminada a luz eléctrica, cuja energia é fornecida pela Sociedade de Electricidade do Norte de Portugal da sua central geradora da Penida, Pousa.

Por trás do padrão do Senhor dos Desamparados existe uma cabine para a distribuição da energia e essa cabine tem sobre a sua porta a seguinte inscrição =N.º 8 — Manhente. Domingos Alves Ribeiro, casado com D. Ana Joaquina Ferraz, foi senhor da casa dos Fogaças Ferrazes, desta freguesia, e foram aqueles os pais de *D. Joaquim Pereira Ferraz*, bispo de Leiria.

Nasceu este bispo em Barcelos aos 27 de Setembro de 1788, foi monge beneditino, formado em Coimbra em 1817, tomou capelo em 1818.

Secularizou-se em 1828, foi abade da freguesia de Meixedo, no bispado de Bragança, e lente catedrático na Faculdade de Teologia em 1834.

Governou o bispado da Guarda, foi eleito bispo de Bragança em 1847, sendo transferido para a diocese de Leiria em 1852.

O couto de Manhente tinha uma companhia de Ordenanças, que durou até 1834, e para a qual o reitor do convento de Vilar de Frades nomeava capitão.



No Museu Arqueológico de Barcelos existem um arcaz tumular com tampa e ornamentação simbólica (românico), marcos (século xvi) com a cruz dos Pereiras e a mesa Judicial medieval do couto de Manhente, pertencentes a esta freguesia.